

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DO PORTO

Comemorações do Centenário da Faculdade de Letras da Universidade do Porto

Conferências

Organizadores

Jorge Fernandes Alves

Pedro Vilas-Boas Tavares

Porto, FLUP, 2020

FICHA TÉCNICA

TÍTULO: Comemorações do Centenário da Faculdade de Letras da Universidade do Porto I Conferências

ORGANIZAÇÃO: Jorge Fernandes Alves e Pedro Vilas-Boas Tavares

EDIÇÃO: Faculdade de Letras da Universidade do Porto

ANO DE EDIÇÃO: 2021

COLEÇÃO: FLUP e-DITA

EXECUÇÃO GRÁFICA: Gráfica Firmeza Lda. / Porto

TIRAGEM: 250 exemplares

DEPÓSITO LEGAL:

ISBN: 978-989-8969-74-3

ISSN: 1646-1525

IMAGENS DO PORTO NA OBRA DE RAUL BRANDÃO: MATÉRIA E MEMÓRIA

PREÂMBULO

As *Memórias* de Raul Brandão são um repositório vivo de acontecimentos e figuras que marcaram a história e a cultura portuguesas na viragem do século XIX para o século XX. Uma parte substancial da informação que hoje possuímos sobre o advento da República, a sua implantação e o tempo subsequente encontra-se repartida pelos três tomos desta obra excepcional, editados respetivamente em 1919, 1925 e 1933, sendo o último póstumo. No seu conjunto, constituem uma fonte de copiosa informação, não só para os historiadores como para quantos queiram reconstituir, em clave interdisciplinar, os cenários voláteis que caracterizaram o período de difícil consolidação do novo regime, marcado por sucessivas cisões e episódios de violência que o tornaram vulnerável às ameaças contrarrevolucionárias. Contemporâneo dos factos relatados, Raul Brandão evoca as figuras, hoje históricas, que os protagonizaram, a par de outras que, agindo na sombra, foram decisivas para o desenlace trágico de alguns acontecimentos. Cruzando a objetividade do repórter com o rigor documental (notícias recolhidas na imprensa, testemunhos fiáveis, desabafos, comentários mordazes, etc.), mas acolhendo igualmente a *vox populi* – os boatos, a chusma de ditos e mexericos que a conflitualidade política e social exacerba –, Raul Brandão é um espectador atento e imparcial do que se passa à sua volta; e um arguto observador do género humano. Isto significa que as *Memórias*, além de serem um vastíssimo conjunto de notas que perfazem um perdurável testemunho histórico, incluindo até obituários, constituem um espaço polifónico insólito, onde múltiplas vozes discordantes se fazem ouvir em interação com os acontecimentos, possibilitando a sua compreensão *in vivo*.

A natureza heteróclita das *Memórias* fica patente no *Prefácio* do primeiro volume¹, datado de 1918, onde Raul Brandão faz a seguinte advertência: “Isso que aí fica não são memórias alinhadas. Não têm essa pretensão. São notas, conversas colhidas a esmo, dois traços sobre um acontecimento – e mais nada. Diante da fita que a meus olhos absortos se desenrolou, interessei-me a cor, um aspecto, (...) uma figura, e fixei-os logo no canhenho que sempre me acompanha”². São estes apontamentos, tirados ao longo dos dias, dos meses e dos anos, acumulados nos pequenos cadernos de capa preta que habitualmente trazia consigo, que constituem a matéria-prima das *Memórias*: “É que eles – escreve Raul Brandão – ajudam a reconstituir a atmosfera duma época; são, como dizia um grande espírito, o lixo da história. Ensinam e elucidam”³.

Mas há igualmente nas *Memórias* uma dimensão autobiográfica onde reconhecemos o *ethos* e o *pathos* que singularizam a ficção e o teatro do Autor de *Húmus* ou de *O Gebo e a Sombra*. A tonalidade intimista que irrompe no texto liminar, datado de “Janeiro – 1918”, contrasta com a objetividade de que Raul Brandão não prescinde ao traçar, sem constrangimentos académicos ou ideológicos, o retrato vívido de uma época. As suas memórias pessoais, fixadas em páginas resplandecentes de prosa descritiva e autorreflexiva, estão imbuídas de emoção e fraternidade humana. Esta bipolaridade desloca a Obra para uma zona híbrida, onde as fronteiras entre géneros afins se diluem – diário, autobiografia, crónica, memórias –, sem que seja posta em causa a identidade caucionante entre o sujeito de enunciação e o Autor. A forma diarística que Raul Brandão adota no primeiro volume das *Memórias* permite-lhe recuperar notas e textos redigidos muito anteriormente (as datas recuam até 1900), fazendo prevalecer nos diversos capítulos a coerência temática sobre uma estrita cronologia, sempre que o considere necessário. Este procedimento tem um propósito estruturante, possibilitando a conciliação entre “memórias históricas” e “memórias íntimas”, numa espécie de vaivém entre dois mundos opostos. Voltamos a encontrá-lo no segundo volume, que abre com o texto *O Silêncio e o Lume*⁴, datado de “Dezembro – 1924”. Segue-se o capítulo *O Meu Diário*⁵, cujo título, de algum modo sinedóquico, alude ao extenso diário críptico que está na base de toda esta Obra. O terceiro volume,

¹ BRANDÃO, Raul – *Memórias*. 4.^a ed. Paris; Lisboa: Livrarias Aillaud e Bertrand, (1919), Vol. I, p. 7. Edição utilizada: (Ed. ut.). *Vd.* BRANDÃO, Raul – *Memórias*. Tomo I. In *Obras completas*. Ed. José Carlos Seabra Pereira. Lisboa: Relógio d’Água, 1998, vol. 1. (Obras Clássicas da Literatura Portuguesa Séc. XX) – *Introdução*, p. 9-24.

² *Idem, ibidem*, p. 19. Ed. ut.

³ *Idem, ibidem*, p. 21. Ed. ut.

⁴ BRANDÃO, Raul – *Memórias*. 3.^a ed. Paris; Lisboa: Livrarias Aillaud e Bertrand, (1925), Vol. II, p. 7.

⁵ *Idem, ibidem*, p. 27.

Vale de Josafat (1933)⁶, publicado três anos depois da morte de Raul Brandão, abre com o conhecido texto *Balanço à Vida*, não datado. A estrutura do volume é *grosso modo* idêntica, embora a datação se torne esporádica. A vinculação à forma diarística explicita-se no título do segundo capítulo: *O Que eu vi e ouvi* (Do meu diário) – *República e Monarquia*⁷.

A FOZ DE RAUL BRANDÃO

Nos três volumes das *Memórias* encontram-se todos os elementos que nos permitem compreender a relação que o escritor mantém com a cidade do Porto em diversas fases da sua vida. Nascido a 12 de março de 1867, na antiga Rua da Bela Vista, depois rebatizada com o seu nome, e situada “na freguesia de São João da Foz do Douro, Concelho e Diocese do Porto”, como reza o registo de nascimento, Raul Brandão passa a sua infância na Cantareira, lugar de pescadores e marítimos que ficava “a cem léguas do Porto”. É no *Prefácio* ao I volume das *Memórias*, dedicado “Aos Mortos”, que encontramos um conjunto de evocações que permitem reconstituir esse tempo feliz e íntegro. Logo no texto de abertura, datado de “Janeiro – 1918”, Raul Brandão dá livre curso às lembranças, evocando a infância na casa da Cantareira, as figuras familiares já desaparecidas (a mãe, o pai, a avó, a tia Iria) e as gentes desse lugar mítico, tão próximo do esplendor por vezes terrível da Barra do Douro. As imagens recortam-se no imenso fundo nostálgico onde se repercute a consciência da passagem inexorável do tempo – *ubi sunt qui ante nos fuerunt?*:

Lá está a velha casa abandonada, e as árvores que minha mãe por sua mão dispôs: a bica deita a mesma água indiferente, o mesmo barco arcaico sobe o rio, guiado à espadela pelo mesmo homem do Douro, de pé, sobre a gaiola de pinheiro. Só os mortos não voltam. Dava tudo para os tornar a ver, e não há lágrimas no mundo que os façam ressuscitar. Esta Foz de há cinquenta anos, adormecida e doirada, a Cantareira, no Alto o Monte, depois o farol e sempre ao largo o mar diáfano ou colérico, foi o quadro da minha vida. (...) Vi envelhecer todos estes pescadores, o Bilé, o Mandum, o Manuel Arrais, que me levou pela primeira vez, na nossa lancha, ao largo. Há que tempos – e foi ontem...⁸.

Com mais de cinquenta anos, Raul Brandão já viveu o suficiente para poder concluir que foi nesse espaço nuclear que recebeu os sólidos princípios éticos que nortearam a sua vida e alimentaram o seu inabalável humanismo:

⁶ BRANDÃO, Raul – *Vale de Josafat*. III Volume de *Memórias*. Lisboa: Seara Nova, (1933).

⁷ *Idem, ibidem*, p. 35. *Vd.* BRANDÃO, Raul – *Memórias*. Tomo III. – *Vale de Josafat*. In *Obras completas*. Ed. José Carlos Seabra Pereira. Lisboa: Relógio d’Água, 2000, Vol. 1. (Obras Clássicas da Literatura Portuguesa Séc. XX) – *Introdução*, p. 9-27.

⁸ BRANDÃO, Raul – *Memórias*, (1919), *Prefácio*, p. 9-10. Ed. ut.

“O que sei de belo, de grande ou de útil aprendi-o nesse tempo: o que sei das árvores, da ternura, da dor e do assombro, tudo me vem desse tempo... Depois, não aprendi coisa que valha”⁹. A evocação dos lugares a que está ligado por laços inquebrantáveis prossegue em *Vale de Josafat*. O capítulo *Há que tempos!*¹⁰ é dominado pelo retrato da mãe, com quem o escritor tinha uma profunda afinidade, a que se segue o de Mari’Emília, a velha criada que serviu a família até à morte e é o modelo inspirador da figura inesquecível de “Joana”, personagem que já aparece n’ *A Farsa* e que ganha relevo no *Húmus*. No capítulo seguinte, intitulado *Na velhice*, regressam imagens guardadas na memória que o escritor põe em movimento com meia dúzia de traços: “Logo que saíamos da mestra, das senhoras Melitoas na Foz Velha, descíamos a Corguinha a correr. Depressa uma gamela, a garité, um farrapo de vela e o remo!... Quando o mar está bravo, o rio faz ondas no côncavo azul entre o Relógio e o bico de Sobreiras. É uma coisa cheia de frémito, com espumas boiando – uma vida nova como a nossa, ar vivo, cintilações, ondas que duram um segundo e se sucedem sempre...”¹¹.

É porém n’ *Os Pescadores* (1923)¹², o livro aclamado pelo grande público, que a Foz de Raul Brandão ganha um deslumbrante relevo. O seu imaginário escora-se em imagens reais e concretas que conferem à escrita aquele visualismo pictórico a que Aquilino Ribeiro chama com propriedade “um impressionismo atlântico”. A alegria com que Raul Brandão se detém “a fixar a paisagem e a luz” fica exarada no pórtico, onde anuncia o modo como o livro foi preparado: “Quando regresso do mar venho sempre estonteado e cheio de luz que me trespassa. Tomo então apontamentos rápidos – seis linhas – um tipo – uma paisagem. Foi assim que coligi este livro, juntando-lhe algumas páginas de memórias”¹³. A dedicatória – “À memória de meu avô, morto no mar” – sela a sua ligação à gente simples da Cantareira:

Esta vila adormecida estava a cem léguas do Porto e da vida.(...) As casas, limpas como o convés de um navio, espreitavam para o mar, umas por cima das outras. Todas tinham um grande óculo de engonços, para ver o iate ou a barca que partia, ou para procurar ansiosamente, lá no fundo, o navio que trazia a bordo o marido ou o filho ausente, e um mastro no quintal para lhes acenar pela derradeira vez. Meu avô materno partiu um dia no seu lugre; minha avó Margarida esperou-o desde os vinte anos até à morte»¹⁴.

⁹ *Idem, ibidem*, p. 13.

¹⁰ BRANDÃO, Raul – *Vale de Josafat*, [1933], p. 145. Ed. ut.

¹¹ *Idem, ibidem*, p. 154.

¹² BRANDÃO, Raul – *Os Pescadores*. Paris; Lisboa: Livrarias Aillaud e Bertrand, [etc.], 1923. BRANDÃO, Raul – *Os Pescadores*. Ed. Vítor Viçoso e Luís Manuel Gaspar. In *Obras completas*. Lisboa: Relógio d’Água, 2000, vol. 12. (Obras Clássicas da Literatura Portuguesa Séc. XX) – *Prefácio* de Vítor Viçoso. p. 11-32 Ed. ut.

¹³ *Idem, ibidem*, p. 37.

O ambiente é recriado a partir de dados precisos: a faina da pesca, a feitura e o conserto das redes, a venda do peixe, as formas de convívio social, o artesanato local. São quadros da labuta quotidiana naquela zona muito particular da Foz, que se sucedem numa dinâmica que parece antecipar o documentário cinematográfico. É o caso de *Ida ao Mar*¹⁵, uma experiência recuada mas descrita sensorialmente num presente atualizante. Ao retrato de tipos locais e às informações de natureza topográfica, vêm juntar-se outras, relativas às atividades dos calafates, dos ferreiros e dos carpinteiros nos estaleiros de Miragaia e do Ouro que, em 1920, já eram coisa do passado; e referências aos “tipos curiosos de capitães aposentados”, que viajam “no americano que se inaugurava e que levava a gente ao Porto numa hora, alumiado à noite por uma luzinha de petróleo e com reforço de mulas em Massarelos”¹⁶. O escritor reproduz o que viu e ouviu em cenas audiovisuais, usando prodigamente a paleta do pintor amador que também foi para nos dar paisagens impressionistas que sofrem, por vezes, súbitas mutações expressionistas: “Um poente desgrenhado com nuvens negras lá no fundo, e uma luz sinistra”¹⁷. Neste e noutros capítulos de *Os Pescadores*, a Cantareira é celebrada quer na sua dimensão cósmica, quer na sua dimensão humana, exaltando Raul Brandão o combate diário dos homens do mar contra uma natureza que por vezes tragicamente se subleva. O espírito do lugar encarnou na escrita de Raul Brandão, ao ponto de a paisagem se tornar a expressão sublime da interdependência entre o homem e a natureza:

(...) esta paisagem – mar, rio e céu – entranhou-se-me na alma, não como paisagem, mas como sentimento. (...) A Foz está viva! Tenho-a diante de mim, a Foz de outrora, a Foz que já não existe, a Foz dos mortos, com os movimentos, os tipos e a paisagem. Lá em cima o Monte tinge-se de sol, cá em baixo o rio tinge-se de azul. A Cantareira, num cantinho, adormece – a grande fonte de granito doirado, (...) a nossa velha casa com os degraus de pedra, os varais das redes até à Corguinha lajeada de grosso burgos – e ao largo o farol. O mar embala o cabedelo. Uma luz como não há outra e que estremece com o movimento e os reflexos da água, um ar como não há outro e que ainda hoje respiro como a própria vida! Silêncio... A Foz vai dourando lentamente, ano atrás de ano, crestada pelo ar da barra, camada de sol, camada de salitre... (...) Agita-se então em sonhos o mundo que não existe, e os mortos adquirem uma expressão que é a da minha própria alma¹⁸.

¹⁴ *Idem, ibidem*, p. 39.

¹⁵ *Idem, ibidem*, p. 45.

¹⁶ *Idem, ibidem*, p. 40.

¹⁷ *Idem, ibidem*, p. 62.

¹⁸ *Idem, ibidem*, p. 44-45.

O PORTO, FILHO DO RIO E DO MAR

O Porto é a velha cidade burguesa onde Raul Brandão prossegue os estudos secundários, dando depois, como juveníssimo adulto, os primeiros passos na vida literária e na carreira militar que acabará por seguir por pressão familiar. Desse tempo, sabemos o pouco que ficou registado nas *Memórias* pela sua mão. No II tomo, no capítulo *Vivos e Mortos*, há um conjunto de apontamentos subtintulado *O Ensino*, onde Raul Brandão evoca a frequência do Colégio de S. Carlos, situado “no alto da rua Fernandes Tomás”, começando por destacar a brutalidade da pedagogia e a rigidez dos métodos utilizados. As suas reflexões sobre o choque entre um mundo idealizado e a violência concreta do mundo real merecem destaque pela atualidade que conservam:

Inverno. Luz turva. Um casarão enorme no alto da rua Fernandes Tomás dentro duma cerca de terra calcinada... (...) Há quem tenha saudades do colégio: eu sonho às vezes com ele e acordo sempre passado de terror... O que este colégio, porém, tinha de melhor, é que nos punha em contacto com a realidade. Não havia sistema de educação – mas entrava-se logo na brutalidade, no egoísmo, na dureza do mundo. (...) Fiquei ferido para sempre. Eram logo três ensinamentos atirados uns por cima dos outros – o da família, o do colégio e o dos livros. O ensino de casa é em geral uma mentira que não resiste diante da vida... Se no colégio desenvolvessem também nos rapazes o culto da honra e o da verdade, o sentimento da piedade, só preparariam desgraçados. É lícito educar uma criança numa moral que já não tem curso – se é que o teve algum dia – e recomendar-lhe virtudes que só a tornarão mais fraca na batalha humana, num mundo onde a brutalidade e o egoísmo todos os dias conquistam terreno, pergunto? Para vencer, estamos vendo, empregam-se hoje constantemente os meios mais perversos e a concorrência todos os dias aumenta. A lei feroz de cada um por si é a única que se encontra de pé. (...) S. Carlos endurecia: era o que o colégio tinha de melhor, porque nos dava imediatamente uma imagem da vida¹⁹.

Contudo, a dois passos desse ambiente soturno e aterrador, abria-se um mundo alternativo, de ruelas espreitadas pelo sol e percorridas no enalço de uma padeirinha que, todos os dias, assomava à rua das Malmerendas, “fresca como a manhã”, e que Raul Brandão evoca, em *Vale de Josafat*, no capítulo *Amores*, como “uma das emoções mais delicadas” da sua vida. Essa figura frágil e luminosa teve o condão de transfigurar “a cidade feia e espessa” no espaço de revelação do seu primeiro amor. “Tinha os meus treze anos e andava no Colégio de S. Carlos. Era ao tempo um rapazinho espigado, louro e inocente – o pernalta. Sobretudo inocente. Mas como os maiores falavam em amores (...) comecei a fazer vistas a uma padeirinha da minha idade, que todas as manhãs dava o pão nas casas de Fernandes Tomás”²⁰.

Pela *Tábua Cronológica da Vida e Obra de Raul Brandão*, redigida por Guilherme de Castilho para o catálogo da *Exposição biblio-iconográfica*

¹⁹ BRANDÃO, Raul – *Memórias*, [1925], *Vivos e Mortos*, p. 228, 231, 232. Ed. ut.

²⁰ BRANDÃO, Raul – *Vale de Josafat*, p. 164-165. Ed. ut.

organizada pela Biblioteca Nacional no Cinquentenário da sua Morte, tomamos conhecimento de que o escritor passou a frequentar o Liceu Central do Porto a partir de 1880. E que publicou, em 1885 (“25 de Janeiro”), o seu “mais antigo trecho literário conhecido”, no número único d’*O Andalus*. Guilherme de Castilho, o seu principal biógrafo, regista ainda os seguintes dados: em 1888 Raul Brandão “frequenta, como ouvinte, o Curso Superior de Letras”; e, nos finais do mesmo ano, em 18 de dezembro, “Assenta praça, como voluntário, por doze anos, no Regimento n.º 5 de Caçadores de El-Rei, no Porto”. Em 27 de fevereiro de 1890 transita para “o Regimento de Infantaria n.º 18, no Porto”. Finalmente, “em 23 de Outubro” de 1891, é autorizado, por um ofício do Ministério de Guerra, a “matricula-se no curso de infantaria da Escola do Exército”, em Lisboa²¹. As *Memórias* são omissas quanto a estas datas; e escassa em informações que permitam contextualizá-las satisfatoriamente. Mas, em contrapartida, Raul Brandão refere com algum detalhe aspetos da vida militar e do ensino na Escola do Exército²²; e relata episódios relativos às funções de comando, quando já ocupava o posto de alferes no Regimento de infantaria n.º 20, em Guimarães²³.

Voltando ao período anterior à partida para Lisboa, para frequentar o 1.º ano da Escola do Exército, as informações que temos vêm sobretudo das *Memórias*. A *Invicta* está indelevelmente ligada à iniciação de Raul Brandão no mundo das Letras e à sua formação intelectual e cívica. É um itinerário discreto, prosseguido entre os seus companheiros de geração – como Justino de Montalvão, Júlio Brandão, António Nobre ou D. João de Castro –, e alguns dos vultos tutelares da Geração de 70, como Eça de Queirós e Guerra Junqueiro. As páginas memorialísticas em que o escritor reconstitui o ambiente literário do Porto finissecular, em *flashes* que captam os particulares de cada uma das grandes personalidades com quem se cruza, constituem um testemunho raro e ainda hoje surpreendente. Aí ganha relevo a figura ímpar de Sampaio Bruno, a cujo magistério intelectual os mais jovens se rendem.

Pertencem a esta geração emergente algumas das figuras que vão marcar o nosso século XX, como António Nobre e o próprio Raul Brandão. A sua estreia literária dá-se com a publicação de *Impressões e Paisagens*²⁴, em 1890, coletânea de contos quase todos muito breves, que encerra com um *post scriptum* em que o Autor declara “que eles já não representam a [sua]

²¹ *Cinquentenário da morte de Raul Brandão, 1930-1980: exposição biblio-iconográfica*. Org. Guilherme de Castilho, Mário Cesariny. Lisboa: Biblioteca Nacional, 1980, p. 17.

²² *Vd. BRANDÃO, Raul – Memórias, [1925], Vivos e Mortos, O Ensino*, p. 232-233; – *Vale de Josafat, Vida Militar*, p. 129. Ed. ut.

²³ *Idem, ibidem*, p. 130-143.

²⁴ BRANDÃO, Raul – *Impressões e Paisagens*. Lisboa: Vega [1987].

maneira actual de sentir nem de escrever”²⁵. Por essa altura, já Raul Brandão se juntara ao Grupo dos “Novos”, alinhado com a estética decadentista e simbolista então no apogeu. No texto introdutório, em formato epistolar – “À maneira de Prefácio (carta a Alberto Bramão)” –, o escritor estreante evoca a cumplicidade literária que selou a amizade entre ele e o destinatário, a pretexto de uma visita à Foz feita na véspera: “Fui ontem à Foz do Douro; vadiei alegremente – um tempo azul e lindo – pela Cantareira, por Carreiros; (...) Foi nesta beira da costa (...) que a nossa mocidade inteira se passou... (...) Foi das nossas discussões sobre Arte que estes contos nasceram...”²⁶. Os contos são também um tributo prestado pelo seu Autor a algumas figuras mais admiradas: Eça de Queirós, Pinheiro Chagas, Ramalho Ortigão, Fialho de Almeida, Sampaio Bruno, entre outras²⁷.

Raul Brandão está agora integrado no grupo português dos “nefelibatas”²⁸, que cultiva a “arte moderna” vinda de Paris e se reúne num “novo cenáculo”, à maneira da Geração de 70, procurando ganhar espaço numa cidade que assistirá em breve ao malogro da Revolta de 31 de Janeiro de 1891. A sua adesão à estética finissecular fica consignada no opúsculo *Os Nephelibatas*²⁹, publicado sob um pseudónimo coletivo – Luiz de Borja. Sabemos hoje que Raul Brandão foi um dos redatores deste quase manifesto literário, publicado nos finais de 1891 ou já nos inícios de 1892. A par da profissão de fé na “Arte livre”, há uma dimensão paródica evidente na descrição das reuniões do grupo – “orgias satânicas” que tinham lugar na “sala das noites”, situada numa casa do bairro da Sé³⁰. Não falta sequer o retrato humorístico, mas sofisticado, de alguns frequentadores do cenáculo, como Raul Brandão, Júlio Brandão ou Justino de Montalvão. Paralelamente, há referências ao talento e às publicações literárias, recentes ou próximas, dos que pertencem ao Grupo ou dos que lhe são afins (Alberto de Oliveira, Dom João de Castro, Júlio Brandão, António Nobre, Alberto Osório de Castro, Camilo Pessanha, entre outros; e

²⁵ *Idem, ibidem*, p. 149.

²⁶ *Idem, ibidem*, p. 7.

²⁷ Segundo José Carlos Seabra Pereira, Raul Brandão publica, n’*O Monitor* de Leça da Palmeira, “além de contos depois recolhidos, com variantes, em *Impressões e Paisagens*, textos de parceria com Alberto Bramão”. – Cf. BRANDÃO, Raul; BRANDÃO, Júlio – *A Noite de Natal*. Leitura, introdução e notas por José Carlos Seabra Pereira, seguido de um estudo sobre Júlio Brandão. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1981, p. 16.

²⁸ No *Petit glossaire pour servir à l’intelligence des auteurs décadents et symbolistes*, de Paul Adam, o termo “nefelibata” significa “aquele que caminha sobre as nuvens”; é uma outra maneira de designar os poetas “novos”.

²⁹ BORJA, Luís de – *Os Nephelibatas*. [Ed. fac.]. Guimarães: Sociedade Martins Sarmento, 1992, p. 24. Ver GUIMARÃES, Fernando – *Ficção e narrativa no Simbolismo: antologia. Os Nephelibatas*, Lisboa: Guimarães Editores, 1989, p. 25-43.

³⁰ *Os Nephelibatas, ed. cit.*, p. 26.

K. Maurício, um heterónimo de Raul Brandão). A mistura entre a realidade e a ficção não obsta a que sejam lançados os fundamentos de uma ‘nova Arte’, que reivindica uma total liberdade: “Ateus do preconceito e da Opinião pública (...), não professando nenhum culto, nenhum Evangelho, nem o do Classicismo nem o do Catolicismo, cuspidos em todas as hóstias consagradas dos ritos burgueses. Anarquistas das Letras, petroleiros do Ideal, desfraldando ao vento sobre os uivos e os apupos dos sebastianismos retóricos o estandarte de seda branca da Arte Moderna!”³¹. Um dos aspetos mais surpreendentes deste opúsculo é o facto de se apresentar como um espaço de fraternal convergência entre diferentes «temperamentos» artísticos, o que se afigura como uma antecipação pré-modernista do espírito que marcará, mais de duas décadas depois, o aparecimento de *Orpheu*, com a célebre *Introdução* assinada por Luís de Montalvor³². N’*Os Nephelibatas*, a par do registo paródico em que a ficção e a realidade se interseccionam, talvez para atenuar a contundência de algumas afirmações e reduzir o ímpeto subversivo que é própria dos manifestos, há a enunciação de princípios teóricos que apontam para uma estética da sinceridade na arte, o que lhe confere um inegável interesse histórico-literário: “A autobiografia, bem simplificada, é em breves linhas a teoria d’Arte que me parece mais simples, a mais natural, a mais humana. § Ninguém como K. Maurício pôs em prática esta teoria de arte”³³.

Esta é uma das direções estéticas que se explicitam num texto que dá uma ideia bastante exata do ambiente literário finissecular, onde se cruzam diversas tendências artísticas irreconciliáveis; e do modo como interagiam os artistas portugueses que pertencem à novíssima *Geração de 90*:

Oh! Os belos tiroteios, o soberbo drapejar de ideias agitando-se por cima da esgrima dos gestos, dos olhos que brilhavam, das bocas que troavam, como estandartes ao vento, duelos de opiniões e de frases que chocam, se embatem, ripostam como lâminas de floretes, e lutam e se saúdam ao fim com o leal aperto de mão de briosos e ativos cavaleiros que se bateram por um sorriso ou por uma flor!... (...) Uma íntima, profunda fraternidade ligava a todos, apesar das contraditórias opiniões, dos diversos temperamentos e comunhões literárias³⁴.

No III volume das *Memórias*, temos alguns detalhes sobre o café Camanho, “o refúgio dos literatos”, situado na Praça Nova e frequentado por grandes vultos da época:

³¹ *Ibidem*, p. 31-32.

³² Cf. *Introdução*. In *Orpheu*. Lisboa: Edições Ática, 1971, vol. 1, p. 11-12.

³³ *Os Nephelibatas*, *ed. cit.*, p. 40.

³⁴ *Ibidem*, p. 32.

O escuro café Camanho, da Praça Nova, foi durante anos o refúgio dos literatos. Ali se reuniram, à noite, durante muito tempo, o Nobre, o Justino, o ruivo Hamilton de Araújo e, noutra mesa, (...) o Joaquim de Araújo, sempre alheado; e, num canto da loja mal iluminada, o Bruno e o Basílio Teles, de gabinarado e barba arrepelada, falando em política. Só me lembro disto no inverno, com a água a escorrer nos vidros embaciados... Durante muitas noites e a altas horas aparecia o Eça que o Araújo conhecia e, sentando-se sozinho, pedia uma galinha cozida que comia com uma fome de lobo.

– Anda a escrever o romance... – dizia-se baixinho à roda.

E olhávamos para ele, com admiração e espanto.

(...) Fora, chovia a cântaros. O Porto vivia debaixo de água. Um lampião espelhava a luz mortiça no largo, junto à sombra tétrica da Câmara, na cripta da Praça, como lhe chamava Junqueiro... Alguns da nossa mesa levantavam-se e iam acabar a noite às águas-furtadas do Igo de Pinho, onde tínhamos o nosso cenáculo³⁵.

Também ficamos a conhecer alguns pormenores das reuniões de artistas nefelibatas na casa do pintor Igo de Pinho, cujo pai, ferrageiro, vivia na Rua do Almada:

Era na rua do Almada, entre painelas e com um pai ferrageiro espavorido, que o Igo nos recebia. Subia-se até lá cima por uma escada que nunca mais acabava – subia-se até ao céu pelo meio de coisas escuras e indistintas, os pregos, as fechaduras, as grossas correntes penduradas – e na grande sala, logo por baixo do tecto, celebrávamos as reuniões nefelibáticas. Às vezes, um retardatário batia à porta lá no fundo e o Pinho, assomando à janela, bradava versos de Eugénio de Castro, acordando as Hortas mergulhadas em sono e torpor:

Quem é o ousado que por horas mortas / A bater se atreve às minhas fêrreas portas?

Mas a figura central deste capítulo, intitulado *O Tio do Pinho*, é o tio do pintor, um “brasileiro de torna-viagem”, bem-falante e bem-apegoado que, regressado do Brasil sem mulher nem filhos, se instala na casa do irmão para viver à sua custa: “Nesse tempo – escreve Raul Brandão – o Pinho falava-nos com uma pequena esperança – naquele tio que viera do Pará e havia de resolver toda a sua vida artística, arrancando-o por uma vez às ignóbeis painelas de ferro do armazém paterno”³⁷. A alusão discreta que o tio fazia “à sua grande fortuna”, rematada com a frase: “– Tudo que tenho para vocês é”³⁸, manteve pai e filho na expectativa, embora não houvesse qualquer sinal palpável da dita: “Não só não dava um pataco para casa, como sacava constantemente aos cem mil réis da gaveta das ferragens – por causa dos câmbios”³⁹. Quando a morte surpreendeu o tio do Pinho, os infelizes aspirantes

³⁵ BRANDÃO, Raul – *Vale de Josafat*, p. 169. Ed. ut.

³⁶ *Idem, ibidem*, p. 170-171.

³⁷ *Idem, ibidem*, p. 171.

³⁸ *Idem, ibidem*, p. 172.

³⁹ *Idem, ibidem*, p. 173.

à herança descobriram que ele, afinal, “não tinha vintém”⁴⁰. Nesta jocosa cena da vida pequeno-burguesa portuense, Raul Brandão dá-nos o reverso grotesco do “brasileiro” enriquecido e sobranceiro que vem residir para o Porto. É uma realidade típica da época – a dos remigrados do Brasil cujas sumptuosas moradias vêm alterar a imagem austera da cidade, estendendo-a para novas zonas residenciais. Esta história aparentemente verídica vem na linha de alguns dos romances mais célebres de Camilo – dando-nos uma amostra da subserviência com que os “brasileiros” eram tratados.

As *Memórias* são uma sucessão de imagens “faladas”, entremeadas por outras, silenciosas, que se sucedem como um extraordinário documentário cinematográfico que nos dá um insólito panorama histórico-social do Portugal da última década do século XIX até quase finais da década de vinte do século passado. Raul Brandão fala de “uma fita que a seus olhos se desenrolou” (*supra*). Por trás dessa “fita” – ou desse filme – há um trabalho de montagem. O papel que os retratos desempenham é da maior importância. São quase sempre breves, traçados com a mão segura e incisiva de quem fixa para a posteridade a imagem de grandes personalidades das artes, das letras, da ciência e da política. Uma galeria excepcional, onde figuram, entre outros, Garrett, Alexandre Herculano, Camilo Castelo Branco, Gomes Leal, Basílio Teles, Sampaio Bruno, Eça de Queirós, Jaime Batalha Reis, Columbano, Guerra Junqueiro. O segundo volume das *Memórias*, dedicado a Teixeira de Pascoaes, encerra precisamente com *Os Últimos anos de Junqueiro*. A admiração que esta figura inspira a Raul Brandão levou-o a esperar três anos pela “Carta-Prefácio” que abre *Os Pobres*⁴¹. O livro, escrito entre maio de 1899 e janeiro de 1900, só foi publicado em 1906. O retrato que Raul Brandão nos dá de Guerra Junqueiro é construído a partir das notas redigidas ao longo dos anos a propósito dos seus encontros com o poeta de *Os Simples*. É uma personalidade controversa, caracterizada por uma invulgar coragem política, que suscita opiniões contrárias e comentários mordazes junto de amigos e inimigos; mas que Raul Brandão considera ser a figura mais autenticamente humana da “maior geração literária que tem nascido em Portugal”⁴²: “Distribuí por todos nós uma parte do seu prodigioso sonho. Nunca

⁴⁰ *Idem, ibidem*, p. 171-174.

⁴¹ BRANDÃO, Raul – *Os Pobres*. Estudo introdutório por Vítor Viçoso. Lisboa: Editorial Comunicação, 1984. A “Carta-Prefácio” de Guerra Junqueiro tem a data 1902-03 – cf. p. 33-48.

⁴² BRANDÃO, Raul – *Memórias*, [1925], p. 253-254. Ed. ut. Cf. *Memórias*. Tomo II. Ed. José Carlos Seabra Pereira, 1999 – *Apêndice, Os Últimos Anos de Junqueiro*, p. 241-244 (texto com variantes publicado n.º *A Águia*. Série 2. 13/14 (jul.-ago. 1923) 53-54): “Quando poderei juntar as cinco mil páginas de notas da minha filosofia, *O Caminho do Céu*?” (p. 243).

se isolou. Podia-nos ter desdenhado. Nenhum de nós estava à altura do seu génio, nem mesmo da sua bondade⁴³. Há também o registo de desabafos que revelam uma profunda desilusão política, ou a sua amargura por já não dispor nem de tempo nem de forças para “juntar as cinco mil páginas de notas da [sua] filosofia *Unidade do Ser*”⁴⁴. O último texto desta série, datado de “7 de Julho – 1923” e muito breve, é uma imagem impressionante do poeta jacente, falecido em Lisboa⁴⁵.

Será já num bem entrado século XX que Raul Brandão se relaciona com Teixeira de Pascoaes. A amizade que os une tem por base fundas afinidades de pensamento e uma admiração recíproca, comprovada pelas cartas trocadas pelos dois a partir de 1914. A publicação da *Correspondência*⁴⁶ entre ambos veio lançar luz sobre a vida do cidadão-escriptor que é Raul Brandão, facultando informações de natureza pessoal que preenchem lacunas biográficas e nos dão conta, por exemplo, da relativa frequência com que o escritor se deslocava à Foz. É pela mão de Pascoaes que Raul Brandão se aproxima do Grupo da Renascença Portuguesa, iniciando a sua colaboração na Revista portuense *A Águia* logo a partir de 1915 e mantendo-a até à morte, a 5 de dezembro de 1930. *Húmus* será publicado em 1917 com a chancela da Renascença Portuguesa. Seguem-se as reedições de *1817: A Conspiração de Gomes Freire* (2.^a ed., 1917) e *El-Rei Junot* (2.^a ed., 1919); e *O Cerco do Porto* pelo Coronel Owen (1915)⁴⁷. Em 1919 vem a lume o primeiro volume de *Memórias* (1919); e, em 1923, um volume de *Teatro*. Fica assim consagrada a sua relação editorial com o Porto. A cumplicidade intelectual entre estes dois altos espíritos ficou selada na coautoria da tragicomédia *Jesus Cristo em Lisboa*, lida por Raul Brandão aos atores do Teatro Nacional nos finais de 1926⁴⁸.

No que toca ao Porto, a topografia exceccionalmente impressiva da cidade oitocentista, traçada por Júlio Dinis n’*Uma Família Inglesa*, não tem uma expressão equivalente nas *Memórias* de Raul Brandão. As referências dis-

⁴³ BRANDÃO, Raul – *Memórias*, [1925], p. 256. Ed. ut.

⁴⁴ *Idem, ibidem*.

⁴⁵ *Idem, ibidem*.

⁴⁶ BRANDÃO, Raul – *PASCOAES, Teixeira de: Correspondência*, Recolha, transcrição, actualização do texto, introdução e notas de António Mateus Vilhena e Maria Emilia Marques Mano. Lisboa: Quetzal Editores, 1994.

⁴⁷ OWEN, Coronel – *O Cerco do Porto*. Prefácio e notas de Raul Brandão. Porto: Renascença Portuguesa, 1915.

⁴⁸ BRANDÃO, Raul; PASCOAES, Teixeira de – *Jesus Cristo em Lisboa: tragicomédia em sete quadros*. Paris; Lisboa: Livrarias Aillaud e Bertrand, [1927] – *Vd. Correspondência, ed. cit.* “Carta 139 [9 dez. 1926]”, p. 158-159.

persas a figuras urbanas, familiares ou típicas, têm geralmente como pano de fundo uma toponímia discreta; mas ressalta sempre um qualquer traço do modo genuíno de ser portuense, como acontece com o Sr. Custódio (“um negociante da nossa praça”); ou com o relojoeiro Girôd, que tem residência e loja na Praça D. Pedro, duas figuras cinzeladas pelo ‘espírito do lugar’.

A firmeza de carácter das gentes do Porto, empenhadas, desde a fundação da nacionalidade, em preservar a identidade do Burgo e a independência da Nação, e lutando corajosamente pela sua sobrevivência – a primeira crise dinástica, as invasões napoleónicas, ou o Cerco do Porto pelas tropas miguelistas – é realçada em *El-Rei Junot* (1912); ou no *Prefácio a O Cerco do Porto*, pelo Coronel Owen. O protagonismo da Cidade Invicta na implantação do Liberalismo e, mais tarde, na consolidação do ideário republicano deve alguma coisa à dureza granítica do solo sobre o qual foi edificada.

Se o Porto de Raul Brandão é ainda, em larga medida, aquele que Camilo Castelo Branco retrata como “burgo antigo com a sua dinastia de comerciantes”, é também a cidade resistente que se subleva contra a ocupação francesa, graças a aliança entre “o frade e o povo”, título de um capítulo memorável de *El-Rei Junot*⁴⁹:

O Porto (70 mil habitantes) é também uma cidade feia e espessa, com o rio na alma – o Porto é granito e sonho. O homem tem um enternecido amor à terra áspera, nevoenta e profética. A pedra pegajosa, a rua estreita e a água no fundo trespassa-a como lava. Entranha-se o salitre no granito, a névoa no homem orgulhoso e rude. Tranca a porta – ei-lo rei. Conta, aferrolha o dinheiro do balcão. O dinheiro do vinho (35 mil pipas em 1789), dos côvados de lã, do pano que exporta para a América. Da louça, da seda e da cortiça. Mas a névoa sobe do fundo do burgo e turva-o: torna-o confuso e enorme, concentrado; dá a alma à pedra, ao homem sonho... A plebe, os segeiros, os botequineiros, as meretrizes, odeiam Pérron, delegado de polícia. Quem sobe as ruelas lajeadas de grossas pedras, encontra os Congregados, os Lóios e os Bentos, cheios de frades inquietos. (...) Lembrem-se: a cidade inquieta, com as ruas cheias de populaça grosseira, tem o rio na alma, tem o rio no fundo, que a atravessa e lhe dá o ar nevoento e concentrado. O Porto é granito e sonho...»⁵⁰.

Aos olhos de Raul Brandão não é a cidade de uma burguesia abastada, fechada nos seus irrevogáveis privilégios e em formas snobes de convívio endogâmico, a que mais interessa, mas a da arraia-miúda de Fernão Lopes; ou a de Vasco e Gertrudes de *O Arco de Sant’Ana*, de Garrett; ou a das personagens de *A Corja*, de Camilo – três autores que a imortalizaram. Nalgumas páginas de *El-Rei Junot*, Raul Brandão mostra-nos uma cidade viril,

⁴⁹ BRANDÃO, Raul – *O Frade e o Povo*. In *El-Rei Junot*. Com uma nota introdutória de Guilherme de Castilho. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1982, p. 215-251.

⁵⁰ *Idem, ibidem*, p. 220-221.

leal e corajosa, pronta a sublevar-se sempre que a sua liberdade é ameaçada. Apoiado em documentos, recria imaginariamente, numa imensa tela goyesca em que usa a arte da perspectiva, a atmosfera que antecede a chegada dos franceses – uma descrição magistral, carregada de emoção e dramatismo:

Noitece. Num alarido, tambores, cruzeiros, archotes – a mescla de frades e matulas, de carrejões e mulheres sobre as vielas. As torres alarmam a cidade. Em Santo Ovídio o capitão Mariz aclama o Príncipe, e outra malta furiosa desce: enovelam-se e misturam-se num confuso estridor. Pregam os frades, e a casaria negra e salitrosa, as muralhas espessas, vomitam mais cólera, mais ralé, mais escumalha feroz. Assomam às gelosias vultos medrosos. – Os franceses já estão nos Carvalhos! Vamos a esses ladrões! – Os galegos arrastam quatro peças para a velha ponte de barcos. É a hora em que a névoa transforma a cidade: o burgo aumenta e torna-se revoltoso, com negrimes caóticos, borrões compactos de escuridão. No céu destaca-se a torre esguia, a casaria acastelada e, no fundo, a velha ponte de barcos oscilante, o rio cheio de clamores, entre duas chapadas monstruosas de tinta. Ao clarão dos archotes, entre os novelos da fumaça, distingue-se sempre o vulto rancoroso do frade, os seus gestos de cólera e o remexer da massa obscura. Depois pior: o negrume anónimo de onde irrompem chuços nos gadanhos crispados... (...) – Morra o Junot! Viva a Santa Religião! Morra! morra! morra!...⁵¹.

A história da *urbe* confunde-se assim com a defesa de um ideal de liberdade traduzido em atos heroicos decisivos para a independência e o futuro de Portugal. Escritor da condição humana e inquiridor do sentido do Universo e da História, Raul Brandão escreve na *Introdução a El-Rei Junot* que “A verdadeira história é imaterial; é (...) a história da consciência humana que pouco e pouco se aproxima de Deus. Em torno disto atropela-se a mixórdia, a ambição, os interesses”⁵². Esta visão metafísica da História impregna as *Memórias* e é inseparável da reflexão sobre a condição humana que atravessa toda a sua Obra. A escrita literária foi para Raul Brandão um exercício de inteira liberdade – subvertendo os géneros, dando voz à natureza contraditória do ser humano, canalizando para a ficção a força poética que lhe permitiu criar uma forma de expressão inaugural e única. O seu legado literário é imenso e imperecível.

Raul Brandão era um artista dotado: o desenho e a pintura foram o seu *hobby*. Na idade madura, dedicou-se com mais determinação à criação pictórica, sendo bem conhecido o *Retrato de Teixeira de Pascoaes*, pintado a óleo e por ele oferecido ao poeta. Guilherme de Castilho, que presta uma perspicaz atenção aos aspetos picturais da sua escrita, faz o seguinte comentário: “Na sua caracterização cromática há como que uma decomposição espectral, passando das cores simples a todas as gradações dessa mesma cor”⁵³. Por seu lado, Mário Cesariny observa, a propósito do óleo *Paisagem*

⁵¹ *Idem, ibidem*, p. 221-222.

⁵² *Idem, ibidem*, p. 24.

⁵³ CASTILHO, Guilherme – *Ob. cit.*, 1979, p. 452.

do *Marão* – pintado em S. João de Gatão e onde figura uma dedicatória: “Ao poeta Teixeira de Pascoaes o pintor Raul Brandão Outono 1928” –, que Brandão “pinta a terra com as cores do mar”⁵⁴. Também n’*Os Pescadores* não são raras as vezes em que o rio usurpa o azul do mar, enquanto este se torna uma planície verde e ondulante, com infundáveis mutações cromáticas que lembram as marinhas de Claude Monet.

Em *Portugal Pequenino* (1930), um livro para os mais novos de que é co-autora Maria Angelina, sua mulher, e inclui desenhos e a reprodução de uma aguarela de Carlos Carneiro, datada de 1929 (Ponte D. Luís), encontramos paisagens admiráveis de um espaço-país que Raul Brandão pinta com talento, devoção e ternura. Só em páginas extraordinárias, escritas pelo “pintor das horas perdidas”⁵⁵ que Raul Brandão também foi, seria possível encontrar uma imagem intemporal do Porto, captada na descida do rio, a bordo do barco que o transporta até ao cais da Ribeira velha⁵⁶:

Entre um rasgão de arvoredo avança para mim uma massa cinzenta e confusa com o recorte duma igreja, que parece desmedida, lá no alto, e desce até ao rio numa miscelânea de casas, de chaminés de fábricas, tudo enfumado e indeciso. Chega até ao barco o apito dum comboio. E pouco e pouco a cidade aproxima-se com uma auréola de cinza e prata e o rio empoadado de roxo. Ao lado, em dois riscos, o arco da ponte de D. Maria e do outro lado, numa só tinta, o morro espesso de Gaia. Depois outra ponte. Na água um faiscar de prata às chapadas onde arde lume dourado. Por fim a Ribeira velha e carcomida, cheia de povo, de mulherio, de gritos, com casas cancerosas e ruas como bocas podres. O cais, gente a martelar na ponte sem descanso. Umas escadinhas, uma feira de fruta. Podridões pela rua... Desembarcamos no Porto⁵⁷.

O Porto ribeirinho e envolto em neblina, onde se concentra uma população barulhenta e laboriosa, é fixado na luz imaterial de uma tela deslumbrante, que se vai progressivamente alargando na descrição:

O nevoeiro sobe, ascende, dá a esta cidade de trabalho, em que o burguês é rei (...) o seu verdadeiro carácter (...). Atropela tudo, e daqueles bairros à beira rio faz uma cidade de sonho... Condensa-se e esconde a casaria amontoada sob pastas de névoa donde só surge o arco duma ponte, a agulha duma torre, paredes esburacadas que pertencem a um desenho de Victor Hugo⁵⁸.

Mas a cidade liberta-se por fim do seu invólucro natural de brumas para se deixar banhar na luz esplendorosa do poente, até que se extingam os últimos brilhos crepus-

⁵⁴ CESARINY, Mário – *Raul Brandão e a pintura: catálogo da exposição biblio-iconográfica*. 1980, p. 14 (vd. *supra*).

⁵⁵ MENDES, Manuel – *Raul Brandão, pintor das horas perdidas. Colóquio*. 26 (dez. 1963) 31-33.

⁵⁶ ANGELINA, Maria; BRANDÃO, Raul – *Portugal Pequenino*. Lisboa: Edição dos Autores, 1930, p. 84.

⁵⁷ *Idem, ibidem*.

⁵⁸ *Idem, ibidem*, p. 83-84.

culares. O sofrimento humano dá subitamente à descrição um toque expressionista:

Há neste Porto, filho do rio e do mar, poentes extraordinários apertados entre os paredões formidáveis das margens, quando um clarão de forja irrompe da névoa em jactos ou estoira como uma explosão no ar. Outra vez a cerração desaparece. Povilêu. Ruelas. A Sé acastelada com varandas de granito e serpentes feitas pelos pedreiros. A Misericórdia com paredes monstruosas que abafam todos os gritos, e abóbadas, lojas soturnas, subterrâneos onde se passam coisas terríveis entre a doença e os doentes...⁶⁰.

Em *Portugal Pequeno*, livro publicado alguns meses antes da morte de Raul Brandão⁶¹, encontramos as imagens do Porto que nos faltavam, embebidas na cor local e impressas em páginas hoje quase esquecidas. São imagens de uma cidade debruçada sobre o Douro, sustida pelo que resta da muralha medieval, e cuja beleza nasce da violência dos contrastes ou da soturnidade que a torna espectral:

Destes negrumes sobre negrumes acumulados e revolvidos constrói-se a essa hora uma cidade estranha e desmedida, sórdida e esplêndida, uma cidade que ao mesmo tempo mete medo, e que, se não é a mais bela, é a mais pitoresca que conheço no mundo (...) ⁶².

O Porto marca presença em muitas páginas inesquecíveis da Obra de Raul Brandão: ora como uma sucessão de imagens a sépia, desfilando encantatoriamente aos nossos olhos como um filme projetado pelo cinematógrafo; ora como uma série de quadros intemporais, em que a cor deixa de estar ligada ao descritivismo realista, ou à exaltação expressionista, para se tornar pura matéria do espírito.

⁶⁰ *Idem, ibidem*, p. 84.

⁶¹ Fevereiro de 1930.

⁶² *Idem, ibidem*, p. 86.